

UMA RELEITURA IMANENTE DA TESE SAUSSURIANA DA LÍNGUA COMO INSTITUIÇÃO SOCIAL

Alexandre Sales Macedo Barbosa¹

Universidade Federal de Alagoas, UFAL, Maceió, AL, Brasil

Resumo: A tese da língua como instituição social se mostrou uma das ideias mais fecundas da linguística do século XX. Rompendo com o naturalismo da linguística do século XIX e apontando para as abordagens sociológicas atuais, o verdadeiro escopo dessa tese em Saussure é, no entanto, a nosso ver, um tanto mistificado. Procuramos, neste artigo, fazer uma leitura imanente de um recorte do *corpus* saussuriano (CLG e fontes manuscritas) que recoloca essa tese em seu efetivo lugar na reflexão saussuriana, notadamente levando em consideração a influência do americano Whitney, de quem Saussure afirma tê-la tomado. A partir deste recorte, bem como do livro de Whitney *A vida da linguagem*, evidenciou-nos que, enquanto neste último esta tese é levantada para explicar a mudança linguística, em Saussure a comparação da língua com as demais instituições cessa de ser proveitosa justamente quando se trata de explicar a mudança.

Palavras-chave: Saussure; Whitney; Língua; Instituição social; Mudança linguística.

Title: Rereading The Saussurean Thesis of Language as a Social Institution

Abstract: The thesis of language as a social institution has proven to be one of the most fertile ideas in the twentieth century in the linguistic field. The thesis broke with the linguistic naturalism of the XIX century and pointed out new sociological approaches. The paper seeks to provide an immanent reading of Saussurean corpus having the Course in General Linguistics (CGL and Saussure's manuscripts sources) replacing this theory in Saussure's reflection again. The study will count on the influence of the American linguist – of whom thesis Saussure states that had been taken. The book *Life and Growth of Language* was also used to explain Saussure's thesis of linguistic change, and here the author can analyze how the comparison between language and social institutions has become meaningless.

Keywords: Saussure; Whitney; Language; Social institution; Linguistic change.

Introdução

A afirmação saussuriana de que a língua é uma instituição social é uma de suas ideias mais celebradas: ao mesmo tempo que rompe com o passado naturalista da linguística do século XIX, abre a perspectiva de uma abordagem social da língua cujos efeitos e desdobramentos na linguística do século XX se podem identificar, por exemplo, na sociolinguística. Contudo, a correta avaliação da contribuição de Saussure na formulação desta ideia tem sido, a nosso ver, um tanto mistificada, sendo-lhe atribuído ora menos ora mais do que efetivamente é dito a este respeito, seja no *Curso de linguística geral* (doravante,

¹ ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-2645-605X>. E-mail: alexandreclbarbosa@gmail.com.

CLG) seja nas suas fontes manuscritas. Assim, propomo-nos, neste artigo, a buscar, nestas últimas, os momentos de sua reflexão em que o genebrino convoca a comparação da língua com uma instituição social, a fim de avaliar mais precisamente a função que ela cumpre na teorização saussuriana. Em particular, partimos do que é dito a esse respeito em dois capítulos do CLG, *Objeto da linguística e Imutabilidade e mutabilidade do signo*: no primeiro, é apresentada a comparação com as instituições sociais como uma ideia do linguista americano W. D. Whitney, para, em seguida, contestá-la com uma remissão de página ao capítulo *Imutabilidade*.

Em seguida, voltamo-nos para as fontes manuscritas do CLG, notadamente a edição crítica de Rudolf Engler, edição sinóptica que apresenta colunas onde estão dispostos em paralelo o texto de 1916 e excertos dos cadernos dos alunos dos três cursos de linguística geral ministrados por Saussure entre 1907 e 1911 que correspondem a cada passagem do CLG. Seguindo as indicações de Engler, também é possível reconstituir o texto integral das aulas assim como os alunos as anotaram. Quanto a Whitney, analisamos, neste artigo, sua principal obra, *A vida da linguagem*, de 1875, buscando os usos que o autor faz da tese da língua como instituição social, a fim de compará-los com os que faz Saussure da mesma tese.

No que concerne à metodologia, procuramos, sempre que possível, citar o CLG a partir da edição brasileira (Saussure, 2012), mas dando sempre como referência a paginação da edição padrão em francês (Saussure, 1995), que constituiu o texto base consultado para este trabalho. Porém, quando se tratou de citar as fontes manuscritas, mantivemos o texto original em francês dos cadernos dos alunos, para fins de maior exatidão e rigor filológicos na comparação das versões. Em relação a estas últimas, reconstruímos, a partir das indicações da edição Engler, os textos da lição que nos interessava, e demos as versões nos quatro cadernos de alunos disponíveis para o curso III: G. Dégallier, Mme Sechehaye, Francis Joseph e É. Constantin. Com isso, acreditamos reconstituir mais fidedignamente o raciocínio original de Saussure em suas aulas e relocalamos em seu devido contexto os argumentos, preservando ao máximo a linha argumentativa de sua exposição oral. Quanto às notas manuscritas do próprio Saussure, recorreremos a elas apenas esporadicamente, sempre a partir da edição Gallimard dos *Escritos de linguística geral* (Saussure, 2002, tradução para o português em Saussure, 2004). Para as referências a essas obras fundamentais dos estudos saussurianos, utilizamos a padronização de abreviações que consta das normas editoriais do site do *Cercle Ferdinand de Saussure*, a qual pode ser vista no final de nosso artigo.

Do livro de Whitney, escrito originalmente em inglês, consultamos principalmente a edição francesa, por se tratar muito provavelmente da versão que Saussure teria lido² e também pelo fato de a edição brasileira de *A vida da linguagem* (Whitney, 2010) ter sido traduzida a partir dela; as citações da obra são feitas em português a partir desta edição.

² John Joseph (2002, p. 45), que discute brevemente essa questão, estima mesmo que Saussure poderia ter lido a tradução alemã de Leskien publicada em 1876.

A língua é uma instituição como outra qualquer, a língua não é uma instituição como outra qualquer

Analisemos primeiro o modo como a ideia de língua como instituição social é apresentada no CLG. A primeira menção a ela aparece no capítulo 3 da *Introdução*, intitulado *Objeto da linguística*; recorrendo por duas vezes em um mesmo parágrafo ao nome de Whitney, Saussure faz duas asserções referentes a essa ideia: i) “Whitney considera a língua uma instituição social da mesma espécie que todas as outras”; e ii) “essa tese é demasiado absoluta; a língua não é uma instituição social semelhante às outras em todos os pontos” (Saussure, 1995, p. 26). O problema colocado por essas duas asserções contrárias constituirá o nosso ponto de partida, para o qual nos remeteremos constantemente ao longo deste artigo.

Logo após a segunda asserção, o CLG apresenta uma remissão a duas páginas do capítulo *Imutabilidade e mutabilidade do signo*, onde são apresentadas duas diferenças da língua para com as outras instituições sociais: i) a língua como única instituição da qual se servem *todos* os indivíduos de uma comunidade e a *todo* instante, constituindo por isso um fator de conservação (imutabilidade) da língua, o que Saussure chamou de “inércia coletiva” (Saussure, 1995, p. 107); e ii) o arbitrário do signo, que permite a sua mutabilidade e transmissão no tempo (Saussure, 1995, p. 110)³. Dessas duas diferenças, a primeira, a inércia coletiva, distingue de fato a língua de todas as outras instituições sociais, enquanto a segunda, o arbitrário do signo, distingue, na verdade, as *instituições semiológicas* (incluindo aí, evidentemente, a língua) das demais instituições. Trataremos desta segunda diferença mais adiante.

O fato é que Saussure mostra-se profundamente insatisfeito com a mera caracterização da língua como uma instituição social “da mesma espécie que todas as outras” (Saussure, 1995, p. 26) atribuída a Whitney e busca especificá-la de modo a mostrar que essa caracterização, ainda que correta, é insuficiente para descrever de maneira satisfatória o modo de transmissão da língua.

Por sua vez, a asserção forte que o CLG atribui a Whitney de que a língua seria uma instituição da mesma espécie que todas as outras está efetivamente presente em *A vida da linguagem*, por exemplo, no capítulo XIV:

Como todos os outros elementos de cultura, ela varia em cada povo e mesmo em cada indivíduo. Há sociedades nas quais a língua está circunscrita nos limites da raça; há outras nas quais ela foi parcialmente ou inteiramente emprestada das raças

³ Evidentemente, como é afirmado anteriormente no mesmo capítulo *Imutabilidade*, o arbitrário do signo é também fator de imutabilidade da língua (Saussure, 1995, p. 106), o que gera uma contradição assinalada pelo próprio texto do CLG, além de ensejar uma nota dos editores a esse respeito (Saussure, 1995, p. 108). No entanto, como estamos concentrando-nos fundamentalmente no parágrafo do capítulo *Objeto da linguística* que faz menção à tese de Whitney, seguimos apenas a remissão de página que é feita ao capítulo *Imutabilidade*, justamente às páginas 107 e 110, onde são apresentadas essas duas diferenças que acabamos de enumerar. Em outros lugares, Saussure discute outros fatores específicos ao modo de transmissão da língua que não decorrem necessariamente da comparação com outras instituições sociais. Limitaremos-nos aqui aos assinalados no trecho em questão.

estrangeiras; pois a língua pode, como qualquer outra coisa, ser trocada ou transferida (Whitney, 2010, p. 255-256).

Ou ainda, no final do mesmo capítulo: “linguagem, elemento de civilização como qualquer outro” (Whitney, 2010, p. 272).

As fontes do CLG: os fatores de imutabilidade da língua

Se formos agora às fontes manuscritas do CLG, veremos que as duas asserções contrárias feitas sobre a língua como instituição social (Saussure, 1995, p. 26) decorrem de uma aula do curso III, de 04/11/1910, como indica Engler em sua edição crítica (*CLG/E I*, p. 33); nessa aula, Saussure insiste no caráter social da língua em oposição à linguagem, individual; a referência a Whitney vem para ratificar o que fora dito a esse respeito. O caráter social, juntamente com o caráter psíquico da imagem acústica, constitui dois traços do que será chamado, no capítulo do *Valor linguístico*, de forma linguística. A menção ao americano, ao mesmo tempo que conclui a diferenciação entre língua e linguagem, introduz o tema da língua como instituição social:

Dégallier:

Langue comme produit social: Whitney, linguiste américain, dans ces *Principes de la linguistique et Vie du langage*, a comparé **langue à institution sociale**, la faisant rentrer dans cette catégorie (*CLG/E I*, p. 33 coluna 2).

Mme Secheyay:

La langue⁴ comme produit social. Non **institution sociale** mais sémiologique. Ce seraient les institutions sémiologiques qui auraient le plus d’analogie avec elle. **Whitney** fait de **la langue une institution sociale** (...) (*CLG/E I*, p. 33 coluna 3).

Joseph:

Parmi les produits sociaux, on se demande, si une [*sic*] autre est parallélisable à la langue. Le linguiste américain Whitney a comparé **la langue à une institution sociale** (*CLG/E I*, p. 33 coluna 4).

Constantin:

Passons aux détails ; considérons la langue comme produit social. Parmi les produits sociaux, il est naturel qu’on se demande s’il y en a un autre qui puisse être mis en parallèle avec la langue. Le linguiste américain *Whitney* qui, vers 1870, a exercé une grande influence par son livre *Les principes et la vie du langage* a étonné en comparant la langue à une institution sociale, en disant qu’elle rentrait d’une façon

⁴ Os destaques em negrito seguem a convenção de Engler, que explica, no Prefácio de sua edição: “Assinalamos pelo emprego dos negritos as correspondências formais entre o CLG e as fontes” (*CLG/E I*, p. X, tradução nossa). Replicamos esse expediente sempre que citamos sua edição crítica.

générale dans la grande classe des institutions sociales. En cela il suivait la voie juste ; il est d'accord avec nos idées. [...] Whitney voulait extirper l'idée qu'il y eût dans la langue une faculté naturelle ; en effet institution sociale s'oppose à institution naturelle (CLG/E I, p. 33-34 coluna 5).

Esses quatro trechos aparecem na edição Engler como fonte da primeira asserção do CLG que destacamos no início da seção anterior “Whitney considera a língua uma instituição social da mesma espécie que todas as outras”; contudo, para a segunda asserção “a língua não é uma instituição social semelhante às outras em todos os pontos” (Saussure, 1995, p. 26), o trecho do caderno de Mme Secheyhayé é a *única fonte* indicada por Engler: a aluna antecipa a referência às *instituições semiológicas*, que, nos cadernos dos outros alunos, só vai aparecer mais tarde.

Seguindo o texto da lição do dia 04/11/1910, Saussure imediatamente mostra sua insatisfação com a mera e insuficiente caracterização da língua como uma instituição social, e busca critérios que a distingam destas:

Dégallier:

Mais langue se distingue de plusieurs manières au sein **des institutions sociales**. On peut rapprocher de **institutions juridiques**, rituelles **etc.**; elles aussi se développent de manière un peu analogue. Mais ces institutions ne concernent que certains individus à certains moments. Aucune autre que langue n'est livrée à tous, demande que chacun y ait sa part, son influence. La plupart des institutions peuvent être corrigées, modifiées par acte réfléchi, conscient. Pour langue, impossible, même aux académies (CLG/E I, p. 45, coluna 2).

Mme Secheyhayé:

Mais c'est la seule institution qui concerne *tous* les individus à *tous* les moments ; chacun y a son influence. Toutes les autres institutions ont besoin d'être réformées une fois ou l'autre par un acte réfléchi de volonté ; mais dans la langue, même les académies ne peuvent rien (CLG/E I, p. 45, coluna 3).

Joseph:

Toutefois, on ne voit pas des **institutions sociales** bien parallèles à la langue. Une cérémonie, un ensemble de rites sont des institutions rappelant un peu la langue. Cependant aucune institution comme la langue ne concerne tous les individus à tous les moments. Aucune autre ne s'est livrée à tous. Les institutions peuvent être reprises, réformées par un acte conscient, de volonté, les langues ne peuvent l'être (CLG/E I, p. 45, coluna 4).

Constantin:

Toutefois, on ne voit pas d'institution sociale qui se place à côté de la langue et soit comparable à elle. Il y a de très nombreuses différences. La situation toute particulière que la langue occupe entre les institutions est très sûre, mais on ne peut pas y répondre d'un seul mot; ce sont plutôt des différences qui éclateraient à cette comparaison. D'une manière générale, des institutions comme les institutions

juridiques, ou par exemple un ensemble de rites, une cérémonie instituée une fois pour toutes ont beaucoup de caractères qui les rapprochent de la langue, et les transformations qu’elles subissent dans le temps rappellent beaucoup les transformations de la langue. Mais il y a des différences énormes: 1^o Aucune autre institution ne concerne tous les individus à tous les instants; aucune autre n’est livrée à tous de manière que chacun y ait sa part et naturellement son influence. 2^o La plupart des institutions sont susceptibles d’être reprises, corrigées à certains moments, réformées par un acte de volonté, alors qu’au contraire dans la langue nous voyons que cette action est impossible, que même les académies ne peuvent au moyen de décrets changer le cours que prend l’institution dite la langue, etc. (CLG/E I, p. 45, coluna 5).

De início, percebemos que a primeira diferença aqui enumerada é a mesma do capítulo *Imutabilidade* (Saussure, 1995, p. 107), que destacamos como (i) na seção anterior; nesse sentido, entendemos melhor a remissão à página 107 do *Curso* que vem após a asserção “a língua não é uma instituição social semelhante às outras em todos os pontos” (Saussure, 1995, p. 26), que remete ao mesmo argumento afirmado nos trechos citados.

No entanto, a segunda diferença aqui exposta diverge daquela a que a remissão de página do CLG conduzia (p. 110), e que nós enumeramos como (ii): não mais o arbitrário do signo, mas a *imutabilidade, a inércia da língua face à vontade social*. Assim, as duas diferenças levantadas nessa aula dizem respeito à imutabilidade da língua face às outras instituições sociais⁵; em outras palavras, definida a língua como instituição social, os aspectos que fazem a sua especificidade no seio delas são ambos referentes à sua relativa inércia, diferenças tão “enormes” (cf. caderno de Constantin) que servem de critério para distingui-la⁶.

Diferentes usos da tese da língua como instituição social em Saussure e em Whitney

Com isso, chegamos no que acreditamos ser um ponto central de divergência entre Saussure e Whitney na caracterização da língua como uma instituição social. No americano, essa tese é invocada justamente para explicar as causas da mudança linguística; ele se opõe à explicação por “leis cegas”, que atuariam sem o concurso da vontade humana, constituindo realidades autônomas e à parte que predeterminariam a evolução, desenvolvimento e decadência de uma língua. É assim que ele introduz, em *A vida da linguagem*, cap. III, sua tese:

Não é absurdo, à primeira vista, que a linguagem, considerada como uma instituição de invenção humana, esteja submetida à mudança. As instituições humanas em geral

⁵ Importante destacar também que essas diferenças pretendem distinguir a língua das demais instituições sociais sem passar pela instância intermediária das instituições semiológicas; o uso por parte de todos os indivíduos e a impossibilidade de reforma por um ato refletido de vontade são características próprias da língua que ela não compartilha com as outras instituições semiológicas, isto é, instituições que, como a língua, também se fundamentam no arbitrário do signo. Da questão das instituições semiológicas trataremos mais adiante, na seção homônima.

⁶ Ainda em 1969, no seu último curso no Collège de France, Émile Benveniste usará o mesmo critério como o primeiro dos dois que distinguem a língua das demais instituições sociais: “1) a sociedade é suscetível a mudanças frequentes e a língua não sofre as mesmas variações” (Benveniste, 2014, p. 112, Aula 5). O segundo critério usado pelo linguista francês é nada menos do que sua célebre e importante afirmação da língua como interpretante da sociedade (ver também Benveniste, 1974, cap. III e, sobretudo, cap. VI).

se transmitem pela tradição, como a linguagem, e são modificadas ao longo dessa transmissão. [...] A tradição é, por natureza, imperfeita e inexata; ninguém jamais pôde impedir que as coisas que se transmitem de pessoa para pessoa não sejam alteradas (Whitney, 2010, p. 45).

Ela só será retomada novamente bem mais adiante, no capítulo VIII, também tratando da mudança e transmissão da língua:

[As mudanças linguísticas são] sempre independentes e envolvendo unicamente a *força livre da vontade humana* [...] Não há nada no processo complicado da formação e atribuição dos nomes que demande uma explicação baseada em outra coisa que a operação *da razão*, isto é, a *operação refletida dos homens*, seu motivo não sendo, como mostramos mais acima, senão a adaptação de seus meios de expressão a suas necessidades e preferências indefinidas. Essa grande e importante instituição, embora transmitida desde o primeiro dia, foi, desde então também submetida à ação daqueles que a recebiam. Se eles encontram alguma vantagem em mudar a forma, a sintaxe ou a significação das palavras, nada os impede de fazê-lo; se um nome não tem mais razão de ser, isto é, se o objeto que ele designava não existe mais, ele desaparece; se outros objetos se apresentam ao homem e vêm lhe pedir um nome, esse nome é encontrado de uma forma ou de outra, segundo o caso” (Whitney, 2010, p. 142-143, grifos nossos).

Nesse último trecho, destacamos as expressões *force libre de la volonté* e *opération réfléchie des hommes*, que ecoam o *acte réfléchi de volonté* que aparece, com formulações ligeiramente diferentes, no caderno dos quatro alunos que citamos. No entanto, enquanto Saussure nega que a língua possa ser modificada por esse ato refletido de vontade, Whitney afirma exatamente o contrário: não só a língua pode ser modificada por ele, como também a mudança se dá *da mesma forma* que nas demais instituições sociais.

Tendo como pano de fundo uma concepção de língua como nomenclatura, ou seja, uma correspondência unívoca língua-mundo, Whitney, coerente consigo mesmo, atribui a causa da mudança linguística (semântica, mas também fonética e até sintática) à necessidade de o homem adequar sua língua à realidade, aprimorando assim o instrumento-língua às suas necessidades concretas. Uma consequência extrema disso, não percebida por Whitney, seria um esvaziamento do próprio arbitrário do signo: ora, se existe qualquer coisa como um grau de adequação da linguagem ao mundo, se existem procedimentos sintáticos, lexicais etc. melhores que outros para exprimir o que quer que seja, de modo que a mudança linguística seria uma constante adaptação e aperfeiçoamento de um instrumento, então a relação entre “signo” e “ideia” é de certa forma motivada desde o exterior. E, de fato, mais de uma vez em *A vida da linguagem*, Whitney fala de palavras enganosas e palavras melhores (p. ex., Whitney, 1875, p. 116; Whitney, 2010, p. 138).

Outra consequência das afirmações dos trechos citados de *A vida da linguagem* que não é levada até o fim pelo americano diz respeito à causa da mudança. Ele afirma efetivamente que a língua muda pelos mesmos aspectos que fazem mudar as outras instituições sociais; é fundamentalmente nisso que ela lhes é comparável. O modo de transmissão é mesmo o critério que permite aproximar língua e demais instituições. Vimos que em Saussure é justamente o contrário: a língua é certamente, por definição, uma

instituição social; *porém, o modo de transmissão dela é diverso, e disso decorre uma diferença importante que permite distingui-la das demais*⁷. Esse diferente modo de transmissão tem como causa a relativa imutabilidade da língua face às outras instituições, imutabilidade que decorreria, por sua vez, dos dois fatores assinalados na aula de 04/11/1910 que vimos na seção anterior.

É no segundo fator que está a divergência capital entre Saussure e Whitney: para este, *a língua pode ser mudada por um ato refletido de vontade*; ela pode, assim como qualquer outra instituição, ser completamente abandonada por uma comunidade, que “não guardaria a menor lembrança de sua língua original” (!! (Whitney, 2010, p. 247). Exatamente isso aproximaria a língua das demais instituições sociais. Para Saussure, pelo contrário, *a língua não pode ser mudada por um ato refletido de vontade*; e isso por si só já poderia constituir um fator pertinente para distingui-la das outras instituições sociais no que concerne à mudança.

Além disso, se seguirmos a concepção de Whitney até o fim, seremos forçados a admitir que a mudança linguística decorre de fatores externos, sociais, comunicativos ou psicológicos – conscientes ou não – e não de aspectos propriamente linguísticos; o desdobramento último seria buscar as leis da mudança linguística em outro lugar que não na Linguística: na Psicologia, na Sociologia etc. Nesse sentido, alguns autores (Puech; Radzynski, 1978, 1988; Normand, 2004; Faraco, 2005; Cruz, 2006) aproximam a concepção de Whitney de instituição social da linguística sociológica de Antoine Meillet. Este, em um texto programático de 1906, utiliza-se ainda da expressão *instituição social* para caracterizar a língua, mas tirando daí sua necessária consequência epistemológica para o estudo da mudança:

A linguagem é uma instituição que tem sua autonomia; [...] mas, do fato que a linguagem é uma instituição social, resulta que a linguística é uma ciência social, e o único elemento variável ao qual se pode recorrer para dar conta da mudança linguística é a mudança social, da qual as variações da linguagem não são senão as consequências às vezes imediatas e diretas, e mais comumente mediatas e indiretas (Meillet, 1948, p. 17, tradução nossa)⁸.

Essa concepção não é senão o desdobramento último e coerente do recurso que fizera Whitney à tese da instituição social para explicar a mudança e o modo de transmissão da língua; o americano, sem perceber, joga a explicação da mudança linguística para fora do campo da Linguística. Meillet o faz conscientemente; ou, antes, alarga o campo da Linguística (Puech; Radzynski, 1988, p. 83) para incluir também os fatores externos, desde que apresentem uma pertinência para a mudança linguística: porém cabe à Linguística descobrir

⁷ Na *Nota Whitney*, Saussure repreende o americano dizendo: “seria verdadeiramente presunçoso acreditar que a história da linguagem deva se parecer, mesmo de longe, com a de uma outra instituição” (Saussure, 2004, p. 182).

⁸ Original: “Le langage est une institution ayant son autonomie; [...] mais du fait que le langage est une institution sociale, il résulte que la linguistique est une science sociale, et le seul élément variable auquel on puisse recourir pour rendre compte du changement linguistique est le changement social dont les variations du langage ne sont que les conséquences parfois immédiates et directes, et le plus souvent médiates et indirectes” (Meillet, 1948, p. 17).

quais são esses fatores pertinentes. Este é o programa que o ex-aluno de Saussure anuncia para que a linguística histórica, enquanto ciência da busca de leis diacrônicas, não caia no inexplicável, o programa que Whitney queria ter formulado. No fim, a função da tese da instituição social em Whitney é muito mais próxima de Meillet do que de Saussure.

O uso que o genebrino faz dessa tese é, em um certo sentido, muito mais fundamental: a sua própria definição de língua já afirma desde o início, seja no CLG seja nos cursos (com efeito, ela está presente no início dos três cursos), o seu caráter social. Este tem o papel de um “princípio teórico”, “axioma indemonstrável”, “operador teórico mobilizado na construção do objeto integral da linguística” (Puech; Radzynski, 1988, p. 76 e 79).

Ora, em *A vida da linguagem* a noção de instituição social está totalmente ausente da definição inicial de linguagem (Whitney, 1875, cap. I): ela só aparecerá no capítulo III (1875, p. 28), como vimos acima, como recurso para explicar o modo de transmissão da língua em oposição às concepções naturalistas. Poder-se-ia assim qualificar esse uso em Whitney como um recurso *ad hoc*, não completamente integrado a uma teoria coerente da língua. A nosso ver, aplica-se aqui para Whitney o que Puech e Radzynski (1988, p. 78) disseram para Meillet: a afirmação do caráter social da língua é muito mais *justaposta* do que *articulada* à sua definição como é o caso em Saussure.

Instituições semiológicas

Voltemos às fontes manuscritas do CLG, em especial à aula de 04/11/1910, da qual citamos alguns trechos seguindo a edição Engler: o desfecho da passagem que nos interessa nessa aula se dá com a inserção da língua nas instituições semiológicas, que, como vimos, o caderno de Mme Sechehaye já havia adiantado.

Dégallier:

Avant de mettre langue directement dans institutions sociales, il faut interposer une autre idée: celle des **faits** sémiologiques dans les sociétés. <semeion = le **signe**> **Langue est** ensemble de *signes*. D'autres institutions ont ce caractère (institutions rituelles), mais dans la langue, signes évoquent *directement* les idées comme dans d'autres systèmes également. Donc, il faut faire entrer la langue dans *institutions sémiologiques*: signaux maritimes visuels, **signaux militaires** de trompettes, **alphabet des sourds-muets**, écriture, etc. En faisant psychologie de ces différents systèmes de signes, on trouvera base générale. Cette psychologie des signes sera une **partie de psychologie sociale** et sera **applicable à la** langue. **Lois** de transformation des signes en général auront analogie avec transformation de langue. C'est ce groupe sémiologique que l'on peut faire entrer dans le plus grand groupe des institutions (CLG/E I, p. 45-49, coluna 2).

Mme Sechehaye:

Non **institution sociale** mais sémiologique. Ce seraient les institutions sémiologiques qui auraient le plus d'analogie avec elle. [...] Les **faits** sémiologiques dans les sociétés.

La langue est un ensemble de signes exprimant des idées. Il y a une psychologie des systèmes de signes applicable à la langue (CLG/E I, p. 33, 45-49, coluna 3).

Joseph:

On peut mettre la langue à côté de **faits** sémiologiques. (**grec σημεῖον** **signe**). **La langue est un ensemble de signes** évoquant **des idées**. Il n’y a pas que la langue qui soit un système de signes, mais elle est le plus important. Les signaux maritimes sont un système sémiologique; l’écriture est aussi un système de signes. Il y aura une psychologie des systèmes de signes, qui sera une **partie de la psychologie sociale** (CLG/E I, p. 45-48, coluna 4).

Constantin:

Avant d’aller plus loin, il faut interposer une autre idée: c’est celle des faits sémiologiques dans les sociétés. Reprenons la langue considérée comme un produit du travail social: c’est un ensemble de signes fixés par un accord des membres de cette société; ces signes évoquent des idées, mais par les signes ça a quelque chose de commun avec les rites par exemple. Presque toutes les institutions, pourrait-on dire, ont à la base des signes, mais ils n’évoquent pas directement les choses. Il se passe dans toutes les sociétés ce phénomène que pour différents buts des systèmes de signes évoquant directement les idées que l’on veut se trouvent établis; il est évident que la langue est un de ces systèmes et que c’est de tous le plus important, mais il n’est pas l’unique, et par conséquent nous ne pouvons pas laisser de côté les autres. Il faudrait donc faire entrer la langue dans les institutions sémiologiques: celle des signaux maritimes par exemple (signes visuels), les signaux de trompettes militaires, le langage par signes des sourds-muets, etc. L’écriture est également un vaste système de signes. Il y aura une psychologie des systèmes de signes, cette psychologie sera une partie de la psychologie sociale, c’est-à-dire ne sera que sociale; il s’agira de la même psychologie qui est applicable à la langue. Les lois de transformations de ces systèmes de signes auront souvent des analogies tout à fait topiques avec les lois de transformations de la langue. C’est une observation facile à faire pour l’écriture, — quoique ce soient des signes visuels — qui subit des altérations comparables à des phénomènes phonétiques (Constantin, 2005, p. 89).

Essa passagem do curso III corresponderá, no CLG, não mais à parte que fala de Whitney e da língua como instituição social que constituiu o nosso ponto de partida, como dissemos no início do artigo, mas ao início do parágrafo sobre a Semiologia, onde o texto de Bally e Sechehaye retoma a definição de língua como instituição social, introduzida com a referência a Whitney. É como se, a partir dessa introdução, o tema da instituição social se bifurcasse no CLG: de um lado, a remissão ao capítulo *Imutabilidade e mutabilidade*, em que ele será retomado a partir da imutabilidade relativa da língua e do arbitrário do signo — e onde, aliás, o linguista americano será citado novamente —; do outro, o capítulo sobre a Semiologia, que articula as proposições “a língua é uma instituição social” e “a língua é um sistema de signos”, ambas presentes também em Whitney, em uma síntese que o ultrapassa. O próprio sintagma “instituições semiológicas”, que aparece em três dos quatro cadernos, faz ver, melhor do que qualquer outra expressão, em que medida Saussure ao mesmo tempo se aproxima e afasta-se de Whitney, como diz Claudine Normand:

O ponto de vista semiológico aparece então como o lugar onde se mostra a contradição entre Saussure e a linguística histórica tal como ela se apresenta na época de Whitney: continuidade: a língua é uma *instituição* - e ruptura: a língua é uma instituição *semiológica*, um sistema de valores puros” (Normand, 1980, p. 100, tradução nossa)⁹.

Assim, para Saussure, definir a língua como uma instituição social é altamente insuficiente: para atingir sua essência é preciso ir além. É o que o linguista diz no próprio CLG:

Quando se percebe que o signo deve ser estudado socialmente, retêm-se apenas os caracteres da língua que a vinculam às outras instituições, às que dependem mais ou menos de nossa vontade; desse modo, deixa-se de atingir a meta, negligenciando-se as características que pertencem somente aos sistemas semiológicos em geral e à língua em particular. O signo escapa sempre, em certa medida, à *vontade individual ou social, estando nisso o seu caráter essencial* (Saussure, 2012, p. 48; grifos nossos)¹⁰.

Comentando essa passagem do *Curso*, o linguista francês Georges Mounin afirma:

Não lhe bastava [a Saussure], como os defensores da linguística sociológica de seu tempo, repetir pelo que as instituições semiológicas (e linguísticas) têm o caráter de instituições sociais (exterioridade ao indivíduo, coerção). Ele quer também que elas lhes sejam distinguidas, e que sejam buscados os caracteres específicos dos sistemas semiológicos [...] Quando ele diz que, a seu ver, “o problema linguístico é, antes de tudo, semiológico”, ele quer dizer: é preciso buscar a especificidade das instituições semiológicas, e não somente seu caráter genérico de instituições sociais (Mounin, 1968, p. 31-32, tradução nossa)¹¹.

Cabe acrescentar, aqui, que o critério que distingue as instituições semiológicas dentro das instituições sociais, o arbitrário do signo, não é citado em momento algum da aula de 04/11/1910 e nem em todo o parágrafo sobre Semiologia do CLG. Ele só será referido bem mais adiante, com uma nova referência a Whitney: “Whitney insistiu, com razão, no caráter arbitrário dos signos [...] Mas ele não foi até o fim e não viu que tal caráter arbitrário separa radicalmente a língua de todas as outras instituições” (Saussure, 1995, p. 110). E,

⁹ Original: “Le point de vue sémiologique apparaît alors comme le lieu où se noue la contradiction entre Saussure et la linguistique historique telle qu’elle se présente à la date de Whitney : continuité : la langue est une *institution* — et rupture : la langue est une institution *semiologique*, un système de valeurs pures” (Normand, 1980, p. 100).

¹⁰ Original: “Quand on s’aperçoit que le signe doit être étudié socialement, on ne retient que les traits de la langue qui la rattachent aux autres institutions, celles qui dépendent plus ou moins de notre volonté; et de la sorte on passe à côté du but, en négligeant les caractères qui n’appartiennent qu’aux systèmes sémiologiques en général et à la langue en particulier. Car le signe échappe toujours en une certaine mesure à la volonté individuelle ou sociale, c’est là son caractère essentiel” (Saussure, 1995, p. 34).

¹¹ Original: “Il ne lui suffit pas, comme les tenants de la linguistique sociologique de son temps, de répéter par quoi les institutions sémiologiques (et linguistiques) ont le caractère d’institutions sociales (extériorité à l’individu, coercition). Il veut aussi qu’elles en soient distinguées, et que soient recherchés les traits spécifiques des systèmes sémiologiques [...] Quand il dit qu’« le problème linguistique est avant tout sémiologique », c’est le sens de sa formule : il faut rechercher la spécificité des institutions sémiologiques, et non seulement leurs caractères génériques d’institutions sociales” (Mounin, 1968, p. 31-32).

efetivamente, lendo *A vida da linguagem*, vemos que Whitney não consegue ter a percepção do semiológico¹², limitando-se a comparar a língua às demais instituições sociais de modo genérico.

No entanto, a distinção a nosso ver mais fundamental entre Saussure e Whitney a esse respeito está em que o próprio lugar de onde Saussure enuncia a tese da língua como instituição social — e a partir do qual concebe, ao mesmo tempo, a sua insuficiência — é diferente do lugar de Whitney no seguinte ponto crucial: *o genebrino pensa sobretudo no funcionamento semiológico (logo sincrônico) da língua. O americano, como vimos, quando recorre a esta comparação, pensa em fornecer explicação para a mudança linguística: o sentido de sua tese nunca foi a comparação com o funcionamento sincrônico das demais instituições sociais*¹³. Por isso mesmo, Whitney não podia depreender daí a especificidade das instituições semiológicas dentro das instituições sociais.

Os sentidos de “vida da linguagem”

Uma ilustração da distinção fundamental entre as concepções dos dois autores pode ser vista nos usos que Saussure faz da expressão “vida da linguagem” (e seus equivalentes “vida da língua”, “vida semiológica”, “vida dos signos” etc.), tanto no CLG (p. ex., Saussure, 1995, p. 33, 105, 111, 170) quanto nos cursos (p. ex., Godel, 1957, p. 150; Komatsu, 1997, p. 3, 10, 11, 13 e 14) e nos manuscritos (Saussure, 2004, p. 140, 160, 168, 191, 196, 220, 224, 229, 264-265 etc.), a qual remete incondicionalmente a Whitney. No entanto, enquanto no americano a expressão tem um sentido “diacrônico” (sobretudo se nos lembrarmos do termo “Crescimento” do título em inglês *Life and Growth of Language*, ausente das edições francesa e brasileira), em Saussure ela tem principalmente um sentido “sincrônico”, referindo-se ao funcionamento sincrônico regular da língua¹⁴. É isso o que Benveniste quer dizer em um precioso relato sobre os anos parisienses do genebrino, em que ele rastreia o uso da expressão *vie du langage* muitos anos antes dos cursos de linguística geral, simultâneo à gênese da distinção *sincrônico-diacrônico*:

Resumindo seu curso de 1885-1886, [...] ele [Saussure] faz menção a “algumas lições consagradas a generalidades sobre o método linguístico e a vida da linguagem”. O que poderiam ser estas “generalidades sobre o método linguístico”? Certamente ele já introduz a distinção entre o “estático” e o “histórico”, que se tornará uma de suas ideias fundamentais, desenvolvida em detalhe nos seus cursos teóricos, e hoje tornada clássica. E a expressão “vida da linguagem” não é justamente o título da obra

¹² Em nosso artigo “*Y a-t-il une perspective sémiologique chez Whitney ?*”, publicado no volume 73 dos *Cahiers Ferdinand de Saussure* (Barbosa, 2021), demonstramos a impossibilidade teórica de Whitney desenvolver uma perspectiva semiológica, mesmo em estado latente e apesar de também conceber a língua como um sistema de signos entre outros.

¹³ Por esse motivo, consideramos um tanto equivocadas afirmações como a de Mattoso Camara: “Também na concepção da linguagem como uma instituição, advogada, como já foi visto, por Whitney, estava implícito um tipo de estruturalismo, uma vez que a instituição humana estabelece uma firme coordenação e subordinação entre suas partes constitutivas” (1975, p. 110).

¹⁴ A concepção de Saussure de “vida da linguagem” está, nesse sentido, mais próxima da *Sprachleben* dos neogramáticos (Osthoff; Brugman 1878, p. III e IX).

de Whitney (em sua versão francesa de 1875), ao qual Saussure reconhecia uma influência sobre seu pensamento? (Benveniste, 1964, p. 33, tradução nossa)¹⁵.

Michel Arrivé também chama a atenção para o fato de “vida” em Saussure ter um sentido “complexo — ou, se quisermos, duplo para imitar Saussure — de ‘funcionamento (sincrônico) que gera mutações (diacrônicas)’” (Arrivé, 2010, p. 126). Há, de fato, momentos em que Saussure fala de “vida da linguagem” no sentido “diacrônico” (p. ex., Saussure, 2004, p. 51, 162, 184, 197, 257); estes, no entanto, são amplamente minoritários em comparação com o uso “sincrônico” da expressão. De todo modo, a vida sincrônica da língua é justamente o ponto de vista novo que a teorização saussuriana traz; e assim é compreensível que Saussure insista mais nele, como reconhece, aliás, o próprio Arrivé em outro capítulo da mesma obra (Arrivé, 2010, p. 48-49).

Para uma consideração mais detalhada da noção de “vida da linguagem” (e equivalentes) em Saussure, podemos ver ainda o artigo de Johannes Fehr (1992) *La vie sémiologique de la langue*, que, a nosso ver, tem apenas o defeito de não fazer sequer menção a Whitney, em quem sem dúvida Saussure pensava ao adotar o termo. O linguista americano, por sua vez, jamais emprega “vida” no sentido sincrônico em *A vida da linguagem*.

Considerações finais

Iniciamos a nossa análise comparativa sobre a tese da língua como instituição social em Saussure partindo do momento em que ela é introduzida no *Curso de linguística geral*, com as asserções contrárias “Whitney considera a língua uma instituição social da mesma espécie que todas as outras” e “a língua não é uma instituição social semelhante às outras em todos os pontos” (Saussure, 1995, p. 26). Essa contradição apontava para um problema que não podia ser resolvido apenas no âmbito do CLG, demandando uma análise das fontes manuscritas: ao analisá-las, vimos que ambas as asserções decorriam de uma aula do terceiro curso. O paralelo que Saussure faz entre língua e instituições sociais é extremamente pontual: o linguista genebrino não só não se detém nessa comparação, como busca rapidamente limitar seu valor heurístico levantando diferenças que a distingam.

Primeiramente, o uso por parte de todos os indivíduos a todo instante e a impossibilidade de reforma por um ato refletido de vontade, ou seja, fatores que decorrem do modo de transmissão da língua e que denotam a sua relativa imutabilidade face às demais instituições. Confrontando essa concepção com a de Whitney, vimos que os dois linguistas sustentavam posições diametralmente opostas quanto à pertinência da comparação da língua com uma instituição social: enquanto para Saussure a língua apresenta um comportamento

¹⁵ Original: “Résumant son cours de 1885-1886, [...] il fait mention de « quelques leçons consacrées à des généralités sur la méthode linguistique et la vie du langage ». Que pouvaient être ces « généralités sur la méthode linguistique »? Sans doute introduit-il déjà la distinction entre le « statique » et l'« historique » qui deviendra une de ses idées fondamentales, développée en détail dans ses cours théoriques, et devenue aujourd'hui classique. Et l'expression « vie du langage », n'est-ce pas justement le titre de l'ouvrage de Whitney (en sa version française de 1875) auquel Saussure reconnaissait une influence sur sa pensée?” (Benveniste, 1964, p. 33).

distinto das demais instituições justamente quando de sua transmissão, Whitney recorre à comparação exatamente para explicar a mudança linguística.

Outra diferença que Saussure levanta para distinguir a língua é colocá-la no “grupo semiológico” antes de colocá-la no grupo maior das instituições sociais: justamente por levar em consideração o funcionamento semiológico da língua, podemos observar que ele pensa *a fortiori* no seu funcionamento sincrônico, diferentemente de Whitney, que ainda se mostra preso à visão diacrônica de língua.

Por conta desse desencontro é que a tese da língua como instituição social toma caminhos tão distintos nos dois autores: Whitney, que *não pensa de modo algum em comparar o funcionamento sincrônico da língua e das demais instituições*, afirma que ela é uma instituição como todas as outras, o que deve ser entendido como: *é uma instituição que muda da mesma forma que todas as outras*, segundo as mesmas causas. Saussure, pelo contrário, quando tematiza a mudança, percebe que exatamente o modo pelo qual a língua muda a separa *radicalmente* das outras instituições.

Essa divergência se deve, em certa medida, ao modo de “vida da linguagem” que os dois têm em mente: Whitney pensa sobretudo na “vida” diacrônica, na evolução da língua ao longo do tempo, único horizonte possível para o seu estudo científico na perspectiva comparatista; Saussure pensa na “vida” semiológica e logo sincrônica, os pontos de vista novos que ele visa a introduzir na Linguística.

Em suma, como afirma o próprio genebrino em várias passagens, Saussure está muito mais preocupado em realçar as diferenças que a língua tem para com as outras instituições do que as semelhanças, motivo pelo qual esta comparação tem nele um papel e um valor heurístico menos relevantes do que geralmente se veicula nos estudos linguísticos.

Abreviações:

CLG/E I Saussure (1989)

Referências

ARRIVÉ, Michel. *Em busca de Ferdinand de Saussure*. Tradução de Marcos Marciolino. São Paulo: Parábola, 2010.

BARBOSA, Alexandre Sales Macedo. Y a-t-il une perspective sémiologique chez Whitney ? *Cahiers Ferdinand de Saussure*, n. 73, p. 69-83, 2021.

BENVENISTE, Émile. Ferdinand de Saussure à l'École des Hautes Études. *École pratique des hautes études*, Annuaire 1964-1965, p. 20-34, 1964.

BENVENISTE, Émile. *Problèmes de linguistique générale*, 1. Paris: Gallimard, 1966.

BENVENISTE, Émile. *Problèmes de linguistique générale*, 2. Paris: Gallimard, 1974.

BENVENISTE, Émile. *Últimas aulas no Collège de France (1968 e 1969)*. Tradução de Daniel Costa da Silva *et al.* São Paulo: Unesp, 2014.

CONSTANTIN, Émile. Linguistique générale, Cours de M. le Professeur de Saussure, 1910-1911. *Cahiers Ferdinand de Saussure*, v. 58, p. 83-289, 2005.

CRUZ, Marcio Alexandre. *O saussurismo e a escola francesa de análise do discurso: ruptura ou continuidade?* 2006. 207 f. Tese (Doutorado em Linguística) – Universidade Federal de Alagoas, Maceió, 2006.

FARACO, Carlos Alberto. *Linguística histórica*. São Paulo: Parábola, 2005.

FEHR, Johannes. « La vie sémiologique de la langue » : esquisse d'une lecture des Notes Manuscrites de Saussure. *Langages*, n. 107, p. 73-83, 1992.

GODEL, Robert. *Les sources manuscrites du Cours de linguistique générale de F. de Saussure*. Genebra: Librairie Droz, 1957.

JOSEPH, John E. *From Whitney to Chomsky: Essays in the history of American linguistics*. Amsterdã; Filadélfia: John Benjamins, 2002.

KOMATSU, Eisuke (Ed.). *F. de Saussure. Deuxième cours de linguistique générale (1908-1909), d'après les cahiers d'Albert Riedlinger et Charles Patois*. Oxford; New York; Tokyo: Pergamon, 1997.

MATTOSO CAMARA, Joaquim Jr. *História da linguística*. Tradução de Maria do Amparo Barbosa de Azevedo. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 1975.

MEILLET, Antoine. Ferdinand de Saussure. In: MEILLET, Antoine. *Linguistique historique et linguistique générale*. Édition préparée par Pierre Ragot. Paris: Lambert-Lucas, 2015. p. 620-629.

MEILLET, Antoine. L'état actuel des études de linguistique générale. In: MEILLET, Antoine. *Linguistique historique et linguistique générale I*. Paris: Édouard Champion, 1948. p. 1-18.

MOUNIN, Georges. *Saussure ou le structuraliste sans le savoir*. Paris: Seghers, 1968.

NORMAND, Claudine. Arbitraire et/ou convention chez Whitney et Saussure. *Linx*, n. 1, p. 97-106, 1980.

NORMAND, Claudine. System, arbitrariness, value. In: SANDERS, Carol (Org.). *The Cambridge Companion to Saussure*. Cambridge: Cambridge University Press, 2004. p. 88-104.

OSTHOFF, Hermann; BRUGMAN, Karl. *Morphologische Untersuchungen auf dem Gebiete der indogermanischen Sprachen*. v. 1. Leipzig: Hirzel, 1878.

PUECH, Christian; RADZYNSKI, Anne. Fait social et fait linguistique : A. Meillet et F. de Saussure. *Histoire Épistémologie Langage*, v. 10, fasc. 2, p. 75-84, 1988.

PUECH, Christian; RADZYNSKI, Anne. La langue comme fait social : fonction d'une évidence. *Langages*, n. 49, p. 46-65, 1978.

SAUSSURE, Ferdinand de. *Cours de linguistique générale*. Éd. critique par Tullio de Mauro. Paris: Payot, 1995.

SAUSSURE, Ferdinand de. *Cours de linguistique générale*. Édition critique par Rudolf Engler. Tome 1. Wiesbaden: Otto Harrassowitz, 1989.

SAUSSURE, Ferdinand de. *Cours de linguistique générale*. Édition critique par Rudolf Engler. Tome 2 : Appendice. Wiesbaden: Otto Harrassowitz, 1990.

SAUSSURE, Ferdinand de. *Curso de linguística geral*. Tradução de Antônio Chelini, José Paulo Paes e Izidoro Blikstein. 28. ed. São Paulo: Cultrix, 2012.

SAUSSURE, Ferdinand de. *Écrits de linguistique générale*. Paris: Gallimard, 2002.

SAUSSURE, Ferdinand de. *Escritos de linguística geral*. Tradução de Carlos Augusto Leuba Salum e Ana Lúcia Franco. São Paulo: Cultrix, 2004.

WHITNEY, William Dwight. *A vida da linguagem*. Tradução de Marcio Alexandre Cruz. Petrópolis: Vozes, 2010.

WHITNEY, William Dwight. *La vie du langage*. Paris: Germer Baillière, 1875.

Recebido em: 10/03/2023.

Aceito em: 10/07/2023.